

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM GESTÃO EDUCACIONAL

Aline de Freitas Gutierres

**O OLHAR DA GESTÃO ESCOLAR SOBRE ALUNOS COM ALTAS
HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO: COMPREENSÃO E ESTÍMULO**

Santa Maria, RS
2017

Aline de Freitas Gutierres

**O OLHAR DA GESTÃO ESCOLAR SOBRE ALUNOS COM ALTAS
HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO: COMPREENSÃO E ESTÍMULO**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Gestão Educacional, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito final para obtenção do título de Especialista em Gestão Educacional.

Orientadora: Prof^a Dra. Tatiane Negrini

Santa Maria, RS
2017

Aline de Freitas Gutierres

**O OLHAR DA GESTÃO ESCOLAR SOBRE ALUNOS COM ALTAS
HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO: COMPREENSÃO E ESTÍMULO**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Gestão Educacional, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito final para obtenção do título de Especialista em Gestão Educacional.

Aprovado em 30 de janeiro de 2017:

Tatiane Negrini, Dra. (UFSM)
(Presidente/Orientador)

Leandra Costa da Costa, Dra. (UFSM)

Carolina Terribile Teixeira, Me. (UFSM)

Soraia Napoleão Freitas, Dra. (UFSM)

Santa Maria, RS
2017

RESUMO

O OLHAR DA GESTÃO ESCOLAR SOBRE ALUNOS COM ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO: COMPREENSÃO E ESTÍMULO

AUTORA: Aline de Freitas Gutierres
ORIENTADORA: Tatiane Negrini

Neste trabalho de monografia são abordados assuntos norteadores da Educação Especial pensando no trabalho em conjunto com a Gestão Escolar. O público da discussão são alunos com comportamentos de Altas Habilidades/Superdotação, sendo que neste estudo será verificado como a gestão escolar de uma instituição pode auxiliar na ação docente efetiva em relação a alunos com Altas Habilidades/Superdotação. Para compreender se ocorre de fato este apoio da Gestão, são abordadas questões em entrevista com a Educadora Especial, uma Professora, a Diretora e Vice-diretora da escola, sendo que destas questões destacam-se as concepções destes profissionais sobre os alunos com Altas Habilidades/Superdotação, o trabalho realizado com esses alunos, as dificuldades e de que forma a gestão incentiva e apoia esta temática. O caminho investigativo que norteou esse trabalho caracterizou-se como um estudo de cunho qualitativo, do tipo estudo de caso. Para alcançar os objetivos propostos utilizou-se a entrevista semiestruturada como instrumento de coleta de dados, sendo estas posteriormente transcritas e analisadas em categorias, através da análise de conteúdo. Com os resultados encontrados, percebeu-se que professora, educadora especial e coordenadoras não tiveram conhecimento sobre a temática em sua formação inicial, porém com participação de estagiárias na escola e pela necessidade de atender esses alunos com comportamentos de Altas Habilidades/Superdotação, a professora e Educadora Especial foram buscar conhecimentos. Ainda há uma insegurança por parte da Coordenação da escola, porém, reconhecem a necessidade do atendimento e apoiam as propostas que lhes são trazidas. Diante disso é motivador ver o interesse da professora e da Educadora Especial a fim de propor um trabalho de qualidade e com estratégias inclusivas para os mesmos.

Palavras-chave: Gestão Escolar. Altas Habilidades/Superdotação. Concepções.

ABSTRACT

THE VIEW OF SCHOOL MANAGEMENT ON STUDENTS WITH HIGH ABILITIES/GIFTEDNESS: UNDERSTANDING AND STIMULUS

AUTHOR: Aline de Freitas Gutierres

ADVISOR: Tatiane Negrini

In this monograph are discussed subjects guiding the Special Education thinking about the work with School Management. The discussion's public are students with behaviors of High Abilities/Giftedness, being that in this study it will be verified how the school management of an institution can help in effective faculty action in relation to students with High Abilities/Giftedness. In order to understand if this Management support that, questions are addressed in an interview with the Special Educator, one Teacher, the Director and the Vice-director of the school, and these questions stand out the conceptions of these professionals on students with High Abilities/Giftedness, the work done with these students, the difficulties and how management encourages and supports this theme. The investigative path that guided this work was characterized as a qualitative study, of the case study type. In order to achieve the proposed objectives, the semi-structured interview was used as a data collection instrument, which was later transcribed and analyzed into categories, taking into account the objectives proposed in the study. With the results found, it was noticed that the teacher, special educator and coordinators did not know about the subject in their initial formation, however with the participation of the trainees in the school and the need to attend these students with behaviors of High Abilities/Giftedness, the teacher and the Special Educator were seeking knowledge. There is still insecurity on the part of the School Coordination, however, they recognize the need for care and support the proposals that are brought to them. Faced with this, it is motivating to see the interest of the teacher and the Special Educator in order to propose quality work and with inclusive strategies for them.

Keywords: High Abilities/Giftedness. School Management. Conceptions.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	6
1.1 PROBLEMA.....	8
1.2 OBJETIVOS	9
1.2.1 Objetivo Geral	9
1.2.2 Objetivos Específicos	9
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	11
2.1 GESTÃO ESCOLAR, A GESTÃO QUE SONHAMOS: DEMOCRÁTICA E PARTICIPATIVA	11
2.2 ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO NA ESCOLA.....	14
2.3 ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO E GESTÃO ESCOLAR	22
3. METODOLOGIA	26
4. ANÁLISE DOS DADOS	29
4.1 PROCESSOS DE IDENTIFICAÇÃO	29
4.2 A ESCOLA E AS ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO.....	31
4.3 TRABALHO PEDAGÓGICO REALIZADO COM ALUNOS COM COMPORTAMENTOS DE AH/SD	33
4.4 APOIO DA GESTÃO	36
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
REFERÊNCIAS	43
APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	46
APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA: COORDENAÇÃO	48
APÊNDICE C - ROTEIRO DE ENTREVISTA: PROFESSORA	49
APÊNDICE D - ROTEIRO DE ENTREVISTA: EDUCADORA ESPECIAL	50
APÊNDICE E – AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL	51
APÊNDICE F – CARTA DE APRESENTAÇÃO	52

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho surgiu de inquietações a partir da realidade encontrada através de observações e reflexões realizadas em um Grupo de Pesquisa denominado “GPESP – Grupo de Pesquisa Educação Especial: Interação e Inclusão Social” orientado pela Professora Dr^a Soraia Napoleão de Freitas, da Universidade Federal de Santa Maria. Fizeram parte das ações do referido grupo dois projetos, os quais são: “Da Identificação a Orientação de Alunos com Características de Altas Habilidades” e “Acessibilidade na Educação” e um projeto de extensão.

Um dos projetos de pesquisa possuía como proposta a identificação dos alunos com Altas Habilidades/Superdotação – AH/SD em algumas escolas regulares de Santa Maria/RS e o encaminhamento para um programa de extensão denominado “PIT – Programa de Incentivo ao Talento”, o qual tinha por objetivo atender alunos com comportamentos de AH/SD. Desta forma, o PIT consolidou-se concretamente através de suas práticas e valores, respeitando todos os indivíduos que compunham aquele espaço, elevando seus potenciais.

O Projeto de Acessibilidade tinha como objetivo possibilitar a interlocução entre proposta de educação e a prática de ensino voltada para o diferente em Educação Especial, sob a chancela dos princípios da escola inclusiva e acessibilidade. As ações do projeto de acessibilidade, complementavam os projetos de pesquisa e de extensão, e tinha a preocupação de dar um retorno para as escolas dos alunos participantes do PIT.

Particpei destes projetos por aproximadamente 2 (dois) anos, neles fui bolsista trabalhando diretamente no processo de identificação realizado nas escolas e no projeto de extensão. Realizar o processo de identificação nas escolas da rede pública não era uma tarefa fácil, pois, era preciso promover uma sensibilização com os professores, desconstruindo muitas concepções errôneas. Mesmo depois de todo um processo de identificação realizado na escola, era possível perceber que não tínhamos conseguido atingir a todos os profissionais, de forma que compreendessem quem são esses alunos e que necessitam de um trabalho diferenciado, por vezes havia o questionamento de como um aluno que incomodava tanto em aula poderia ser um aluno com comportamentos de AH/SD, acontecendo até a não aceitação do parecer da identificação realizada.

Dentre essas dificuldades que percebi que eram encontradas pelos professores para perceber estes estudantes com AH/SD, podem-se citar: a percepção de quem é esse aluno, bem como seus comportamentos e como trabalhar de forma diferenciada, ou seja, uma metodologia que contemple a sua área de identificação. Um dos reflexos gerados por esse desconhecimento dos professores pode ser percebido na sala de aula comum, uma vez que o aluno se encontra inserido nesse espaço, porém, inúmeras vezes não é reconhecido como tendo AH/SD.

Foi através desta realidade vivida e da participação no projeto de extensão, onde tive contato com esses alunos e percebia a cada encontro a alegria e o comprometimento em realizar as tarefas desses alunos, mudando seu comportamento até na escola, que percebi de fato a importância de conhecermos a temática, pois esses alunos estão nas nossas escolas.

Algumas questões já foram pesquisadas no Trabalho de Conclusão de Curso que realizei ao final do Curso de Pedagogia/UFSM no ano de 2015, no qual tive como objetivo compreender quais são as concepções sobre os alunos com altas habilidades/superdotação apresentadas na sua prática pedagógica. Neste trabalho de monografia sigo nesta perspectiva, pois durante a minha pesquisa de TCC muito me questioneei: o que a gestão pode fazer por esses alunos com AH/SD? Como incentivar os docentes para um olhar e um trabalho diferenciado com esses alunos?

Pensando nesta minha inquietação que escolho a linha de pesquisa LP1 – Gestão e Instituições Educacionais do curso de Especialização em Gestão Educacional. Entendo que é de fundamental importância a gestão escolar fazer parte desse processo de conscientização e sensibilização em relação às AH/SD, incentivar professores a participar de formação continuada, oportunizando assim suporte para que todos tenham essa compreensão e um olhar diferenciado para esses alunos.

Ressalto assim que o aluno com AH/SD apresenta um comportamento diferenciado, necessitando de um olhar mais atento e um atendimento adequado, que leve em consideração os seus interesses e habilidades, auxiliando no seu desenvolvimento em outras áreas também. Os alunos com AH/SD são público-alvo da Educação Especial, porém não são vistos tão facilmente no contexto escolar, como normalmente acontece com os alunos com deficiência, acontecendo assim muitas vezes uma carência de atendimento desses alunos no ambiente escolar.

Tendo em vista uma realidade encontrada durante algumas visitas nas escolas com os projetos citados anteriormente, percebi a dificuldade dos professores em

trabalhar com estes alunos com AH/SD devido à falta de conhecimento na área, acreditando não ter alunos com estes comportamentos em sua turma. Pensando nesta situação encontrada nas escolas, venho por meio deste trabalho compreender como a gestão escolar pode auxiliar no desenvolvimento de ações pedagógicas organizadas, de fato, para esses alunos e antes de tudo, entender como estes percebem esses alunos que estão nas salas de aula.

1.1 PROBLEMA

Durante a minha formação acadêmica, com a participação nos projetos e a pesquisa de TCC, visitei várias escolas e pude perceber a falta de conhecimento dos professores sobre a temática das AH/SD, que acaba gerando concepções errôneas, evitando dessa forma que se tenha um ensino diferenciado e de qualidade para esses alunos, percebendo suas habilidades e procurando meios para potencializá-las.

Durante essa experiência ficou evidente a importância de uma formação inicial de qualidade e uma formação continuada, pensando na educação inclusiva de forma efetiva, reconhecendo as diferenças de todos, buscando sempre um espaço para que o aluno possa aprender e se desenvolver.

Desta forma, surgem minhas inquietações em relação a gestão escolar, centralizadas em torno do seguinte problema: Como a gestão escolar pode estimular os professores para ter um olhar direcionado aos alunos com altas habilidades/superdotação?

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo Geral

Verificar como a gestão escolar de uma instituição pode auxiliar nas ações pedagógicas organizadas em relação a alunos com AH/SD.

1.2.2 Objetivos Específicos

- Averiguar as concepções que a gestão escolar possui em relação aos alunos com AH/SD;
- Investigar como essas concepções da gestão escolar interferem na organização das ações pedagógicas com os alunos com AH/SD;
- Identificar de que forma a gestão escolar da escola colabora com os professores regentes para perceberem os alunos com AH/SD e propor um trabalho diferenciado com os mesmos;
- Verificar e identificar se existe, e em caso positivo, qual é o trabalho diferenciado realizado com os alunos com AH/SD.

A seguir são apresentados os capítulos da monografia, os quais estão divididos conforme a seguir.

A fundamentação teórica, apresenta alguns subcapítulos levando em consideração a temática das AH/SD, trazendo a compreensão de quem são esses alunos, seus comportamentos na escola e a importância do atendimento diferenciado. Apresento também conceitos de gestão escolar, democrática e participativa, as quais acredito ser a forma de gestão ideal. É feita uma discussão, levando em consideração fundamentações teóricas sobre a relação das AH/SD com a gestão escolar, onde foi realizada uma relação entre os dois primeiros capítulos, mostrando a importância da gestão escolar para incentivo dos professores no trabalho com os alunos com comportamentos de AH/SD, levando em consideração a ideia de que não é só papel do professor ou do Educador Especial essa responsabilidade.

Após destaque a metodologia, onde elenco os caminhos que nortearam esta pesquisa, a qual é uma pesquisa qualitativa de caráter exploratório, realizando um estudo de caso com entrevistas semiestruturadas.

Após realizou a análise de conteúdo, classificando por categorias. A análise dos dados dividiu-se em quatro categorias, levando em consideração os objetivos da pesquisa e em seguida as considerações finais, onde foi retomado os aspectos principais da pesquisa, mostrando os resultados obtidos de acordo com os objetivos propostos.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 GESTÃO ESCOLAR, A GESTÃO QUE SONHAMOS: DEMOCRÁTICA E PARTICIPATIVA

A gestão é sinônimo de administração, porém, deve ser pensada de uma forma muito dinâmica, segundo Ferreira (2004)

Gestão significa tomar decisões, organizar, dirigir as políticas educacionais que se desenvolvem na escola comprometidas com a formação da cidadania [...] relaciona-se com a atividade de impulsionar uma organização a atingir seus objetivos, cumprir suas responsabilidades. [...] é um compromisso de quem toma decisões - a gestão-, de quem tem consciência do coletivo – democrática-, de quem tem responsabilidade de formar seres humanos por meio da educação (FERREIRA 2004, p 1243).

Iniciando a discussão deste subtítulo, faz-se necessário compreender a respeito de dois conceitos, que embora se assemelham, suas funções são diferenciadas - administração e gestão. Segundo Lück (2009), o primeiro conceito está relacionado à fragmentação e divisão de tarefas, com enfoque em suas partes e na eficiência desse processo. A segunda, por sua vez, é entendida como o processo de um trabalho coletivo e construído a partir de necessidades, com enfoque sobre o todo e a sua efetividade global.

Após essa breve explicação, faz-se necessário abordar dois temas que também aparentemente são semelhantes, sendo eles: gestão e gestão participativa, para posteriormente fazer um diálogo crítico analisando a realidade em que vivemos. O Minidicionário da Língua Portuguesa (BUENO, 1996, p.324) coloca a gestão como gerência e administração. Nas palavras de Lück (2009, p.15) é possível compreender quanto a esta função que

[...] a ação do diretor escolar será tão limitada quão limitada for sua concepção sobre a educação, a gestão escolar e o seu papel profissional na liderança e organização da escola. Essa concepção se constrói a partir do desenvolvimento de referencial de fundamentos legais e conceituais que embasem e norteiem o seu trabalho.

Dessa forma, a autora trabalha a gestão como algo além do administrar, assim como já foi abordado anteriormente, e que a mesma além de ser uma gestão, deve ser também participativa. Porém, esse conceito é pouco aplicado nas escolas, já que as equipes diretivas por vezes, decidem e resolvem os problemas de forma autoritária

e hierárquica. Para Lück (2009, p. 69) “escola democrática é aquela em que os seus participantes estão coletivamente organizados e comprometidos com a promoção de educação de qualidade para todos.”

Percebe-se hoje, que os entendimentos estão equivocados com relação a gestão nas escolas. Esta função muitas vezes é vista como o serviço exclusivo do diretor e supervisor e estes por muitas vezes competem entre si, neste meio de competição e autoritarismo pouco se desenvolve de uma forma transformadora e positiva para a escola. Muitas escolas tem dificuldade de uma linguagem comum, sendo que as prioridades são pensadas nas quantidades, prazos e avaliações, deixando-se de lado a qualidade do trabalho dos professor, do planejamento, do ensino escolar e da aprendizagem.

Para que ocorra a transformação desejada é necessário todos os membros escolares se sentirem como gestores e capazes de promover mudanças no seu meio escolar. Segundo Senge (1992, p.29), “quando os membros de uma organização concentram-se apenas em sua função, eles não se sentem responsáveis pelos resultados quando todas as funções atuam em conjunto”. É preciso que seja deixado de lado o pensamento individualista e do comodismo, para que todos participem e contribuam de alguma forma. Fragmentar e estipular funções é importante, porém usar dessa, como única forma de gestar uma escola é um equívoco enorme, pois com um trabalho pensado coletivamente é possível trabalhar de forma a chegar na realidade da comunidade escolar, onde todos sintam-se responsáveis pelo sucesso.

É preciso entender a concepção de uma gestão participativa e democrática, para (re) desconstruir concepções, a fim de estar disposto a trabalhar e propor a mudança na escola, para que de fato se pense na qualidade do sistema educacional como um todo. Porém essa construção só pode ser realizada de modo interativo entre todos os elementos envolvidos na escola. Conforme menciona Lück (2006, p.76), “O processo educacional só se transforma e se torna mais competente na medida em que seus participantes tenham consciência de que são corresponsáveis pelo seu desenvolvimento e seus resultados.”

É preciso flexibilização de horários, conteúdos, planejamentos, funções, etc. para que todos de alguma forma tenham oportunidade e possibilidades de contribuir. Precisa-se romper com essa forma individualista de gestar a escola, a fim de se conseguir efetivar a gestão participativa. Segundo Libâneo (2004, p.6)

Os processos intencionais e sistemáticos de se chegar a uma decisão e de fazer a decisão funcionar caracterizam a ação que denominamos gestão. Na escola refere-se ao conjunto de normas, diretrizes, estrutura organizacional e procedimentos que asseguram a racionalização do uso dos recursos, materiais, financeiros e intelectuais, assim como a coordenação e o acompanhamento do trabalho das pessoas. Na concepção democráticoparticipativa, o processo de tomada de decisões se dá coletivamente, participativamente.

Tanto os membros da direção como toda a equipe escolar devem buscar objetivos comuns, onde as decisões são resolvidas pelo coletivo. Desta forma mobiliza-se alunos, professores, funcionários, pais e responsáveis, enfim, toda comunidade escolar, confrontando ideias e pensando em melhores condições para escola.

O trabalho não é fácil, porém é possível. Esse tipo de trabalho é aprendido na prática, sendo vivenciado, conforme Lück (2009), ao adotar o conceito de gestão. É preciso ter em mente a transformação da escola e de seus processos, a partir de uma perspectiva aberta, democrática e participativa. Não existirá a forma ideal ou a forma certa, para todas as escolas, cada uma irá trabalhar a partir das necessidades de seus alunos. O processo deve gerar a participação de toda a comunidade, esta pode ser através de: reuniões semanais, quinzenais, mensais, trimestrais, etc e outras formas que envolvam a participação de todos, dependendo da demanda da escola. O importante é investir nessa proposta, pois assim, será possível uma educação de qualidade, pois as demandas e realidades da escola serão levadas em consideração e todos poderão contribuir de alguma forma, para a aprendizagem dos alunos.

É necessário conhecer os diferentes conceitos, para que seja possível efetivá-los de forma a atender as demandas da escola da sociedade de forma efetiva e concreta, pois dizer que a escola tem uma gestão democrática e participativa não é difícil, porém ter ela realmente acontecendo ainda é um desafio. O importante é iniciar esse processo, para com o tempo este realmente vir a acontecer.

Hoje existe um grande desafio para o professor, cada vez mais os alunos exigem aulas mais atrativas e dinâmicas. O professor desempenha um importante papel como gestor de sala de aula, organizando meios para atingir melhores resultados. Cabe ao professor gestar esse processo de ensino aprendizagem, desempenhando com a melhor qualidade possível.

A Lei de Diretrizes e Bases, artigo 14, coloca as seguintes orientações:

Os sistemas de ensino definirão as formas de Gestão Democrática do ensino público na Educação Básica, de acordo com as suas peculiaridades e conforme os seguintes princípios: I – participação dos profissionais da

educação na elaboração do Projeto Político Pedagógico da escola; II – participação das comunidades escolar e local em conselhos escolares ou equivalentes. (BRASIL, 1996)

Percebe-se assim que todos e o professor também deve estar comprometido pensando nos interesses coletivos da escola. A sala de aula proporciona um espaço de trocas, sujeitos diferentes e o professor precisa lidar de forma democrática, mediando os conhecimentos, possibilitando assim o crescimento de todos. É preciso estimular os alunos e pais no envolvimento com o trabalho pedagógico desenvolvido na escola.

O professor gestor tem que ser participante tanto no desenvolvimento profissional como organizacional, ser ativo na gestão e organização da escola, participando de todas as decisões, para isso é necessário ter conhecimento claro dos objetivos da escola, trabalhando em equipe e cooperando para o melhor desenvolvimento.

Antigamente o professor que dava aula com uma boa didática e tinha o conhecimento de sua matéria era um excelente professor, o resto era responsabilidade da direção ou família. Hoje o professor gestor precisa entender de legislação, teorias do conhecimento, administração, metodologia, tecnologia, avaliação, criatividade, auto-estima, inclusão, etc. É necessário gestar a sala de aula de uma forma muito dinâmica e diferenciada, pensando em todas as diferenças e necessidades dos alunos e além de tudo ter uma visão de gestor educacional, percebendo a escola como um todo e se colocando como gestor corresponsável deste processo.

No próximo item seguiremos falando da gestão escolar, levando em consideração os alunos com comportamento de AH/SD, público este que está dentro da sala de aula e o professor precisa reconhecer e saber lidar.

2.2 ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO NA ESCOLA

Para que de fato a escola seja um ambiente inclusivo, não basta apenas pensarmos nos professores, precisamos de uma gestão bem organizada e integrada de todos os assuntos e situações que podem ser encontradas, visando um ensino de qualidade e pensando em potencializar as inteligências dos alunos, proporcionando para toda a equipe educacional uma constante reflexão. Por isso, Lück (2006) salienta

a gestão educacional como base fundamental para o sistema, e que deve estar alinhada as definições das políticas públicas da educação.

A temática das AH/SD está sendo mais discutida e mais reconhecida, porém, ainda percebe-se que falta muito ainda para o entendimento e aceitação de todos. Para iniciar o trabalho, pensando no que a gestão pode fazer por esses alunos, é necessário compreender quem são esses alunos.

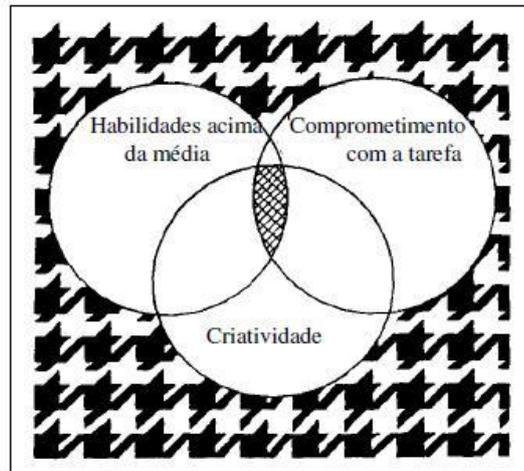
Quando imagina-se ou caracteriza-se alunos com AH/SD, na maioria das vezes, refere-se àqueles que apresentam um potencial superior e facilidade de aprendizagem, ou seja, um aluno que geralmente está acima das expectativas para a sua idade e escolarização. Contudo, em alguns casos, o aluno com AH/SD pode também apresentar dificuldades de aprendizagem e até mesmo situações de fracasso escolar.

Estes são caracterizados, segundo a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2008, p. 9) como:

Alunos com altas habilidades/superdotação demonstram potencial elevado em qualquer uma das seguintes áreas, isoladas ou combinadas: intelectual, acadêmica, liderança, psicomotricidade e artes, além de apresentar grande criatividade, envolvimento na aprendizagem e realização de tarefas em áreas de seu interesse.

Estes alunos possuem comportamentos diferenciados de acordo com as áreas em que manifestam interesse e habilidade acima da média. Para Renzulli (2004), no seu modelo dos Três Anéis (Figura 1), o sujeito com superdotação apresenta três traços que compõem o comportamento de superdotação: capacidade acima da média, comprometimento com a tarefa e criatividade, sendo que estes podem se manifestar em uma ou várias áreas, fazendo com que o aluno tenha condições de se destacar nesta área.

Figura 1 - Representação gráfica da Concepção dos Três Anéis



Fonte: Renzulli (1986, p. 8)

A seguir, estão descritos cada um dos Anéis que compõe a Teoria da Superdotação proposta por Renzulli.

A **Habilidade acima da média** representa um potencial superior em uma determinada área, podendo ser caracterizada em dois aspectos: Habilidade geral e Específica. A primeira diz respeito a capacidade de processar informações, resultando em respostas adequadas e adaptadas a diferentes situações, também apresentando um pensamento abstrato. Já a Habilidade Específica seria quando a pessoa adquire conhecimento em uma ou mais áreas específicas. Nesse sentido, o aluno apresenta interesse em uma determinada área específica e busca ampliar seus conhecimentos nesse campo (RENZULLI, 2004).

O segundo Anel, **Comprometimento com a tarefa**, é o interesse que o aluno deposita em uma determinada proposta ou área específica do seu interesse, caracterizando-se pela motivação, empenho e persistência em uma tarefa (RENZULLI, 2004).

O último Anel, a **Criatividade**, é a capacidade de apropriar-se de diferentes informações para encontrar soluções, demonstrando interesse em produzir algo, tendo como uma das características a originalidade, flexibilidade, sensibilidade, pensamento divergente (RENZULLI, 2004).

Vieira (2004, p.141) diz que o aluno com AH/SD “tem um saber que, na maioria das vezes, é percebido como exibicionismo, teimosia e até mesmo um obstáculo para o bom andamento da aula”. Para que isso não ocorra, o professor precisa ter clareza

de todos os comportamentos que esse aluno pode apresentar e suas diferentes áreas de interesse.

A teoria dos Três Anéis não coloca em destaque apenas áreas acadêmicas, como a linguística ou a lógico-matemática, mas outras áreas que muitas vezes não são tão reconhecidas na escola, como artes, música, dança, etc, que são áreas geralmente pouco trabalhadas no cotidiano da escola.

Estes comportamentos nem sempre aparecem iguais, na mesma proporção, mas podem variar como, por exemplo, apresentar uma intensidade maior na criatividade e menor nos demais comportamentos, em determinados momentos da vida da pessoa. Porém, todos os anéis devem interagir entre si para que o comportamento de AH/SD seja identificado. Nesse sentido, o que se altera é a intensidade desses comportamentos durante a vida da pessoa com AH/SD, ou seja, em determinados momentos um anel estará em maior evidência do que os demais.

Renzulli (2004) divide a superdotação em tipos: o acadêmico e o produtivo-criativo. No entanto, é importante ressaltar que, em alguns casos, os comportamentos dos diferentes tipos podem estar presentes em uma mesma pessoa com AH/SD.

O acadêmico é aquele aluno que tira boas notas (não necessariamente em todas as disciplinas), que questiona, aprende com facilidade, demonstra facilidade em memorizar, etc.

A superdotação acadêmica é o tipo mais facilmente mensurado pelos testes padronizados de capacidade e, desta forma, o tipo mais convenientemente utilizado para selecionar alunos para os programas especiais. As competências que os jovens apresentam nos testes de capacidade cognitiva são exatamente os tipos de capacidades mais valorizados nas situações de aprendizagem escolar tradicional, que focalizam as habilidades analíticas em lugar das habilidades criativas ou práticas. (RENZULLI, 2004, p. 82).

O tipo acadêmico normalmente é mais voltado para as áreas linguística ou lógico-matemática, áreas mais valorizadas em aprendizagens tradicionais. Nesse tipo de superdotação observa-se o desenvolvimento de uma aprendizagem dedutiva, ou seja, o aluno apresenta uma grande memória para aquisições de informações.

Já o aluno do tipo produtivo-criativo apresenta um grau elevado de criatividade, é curioso, imaginativo, apresenta uma habilidade de expressar sentimentos e pensamentos, etc.

[...] descreve aspectos da atividade e do envolvimento humanos nos quais se incentiva o desenvolvimento de ideias, produtos, expressões artísticas originais e áreas do conhecimento que são propositalmente concebidas para ter um impacto sobre uma ou mais plateias-alvo. [...] enfatizam o uso e a aplicação do conhecimento e dos processos de pensamento de uma forma integrada, indutiva e orientada para um problema real. (REZULLI, 2004, p. 83)

O aluno na maioria dos casos é mais questionador e imaginativo frente a resolução de problemas, procurando produzir novas ideias.

Para entender o que significa potencial elevado ou área de destaque, é necessário entender o que é inteligência. Para tal, faz-se referência a Gardner (1994) que, ao propor a Teoria das Inteligências Múltiplas, traz que a inteligência se realiza por estímulos e motivações que são propostos pelo meio em que convivemos. Para Gardner (2000, p.47) inteligência é “[...] um potencial biopsicológico para processar informações que pode ser ativado num cenário cultural para solucionar problemas ou criar produtos que sejam valorizados numa cultura”. Todas as pessoas utilizam-se de suas inteligências para resolver os problemas, porém, em graus variados. O referido autor dividiu as inteligências em: naturalista, linguística, musical, lógica, cinestésica, espacial, interpessoal, intrapessoal e existencial.

A Inteligência **Linguística** é apresentada como uma inteligência mais acadêmica, com destaque na linguagem escrita e verbal. A pessoa apresenta uma grande facilidade de convencimento e para transmitir ideias (GARDNER, 2000).

A inteligência **lógico-matemática** destaca-se pelo grande interesse em raciocínio lógico e números, sendo que destacam-se pessoas que procuram solucionar problemas e sistematizar problemas (GARDNER, 2000).

Segundo (Armstrong, 2001, p. 15) a inteligência **espacial** é “a capacidade de perceber com precisão o mundo visuo-espacial [...]e de realizar transformações sobre essas percepções [...].Esta inteligência envolve sensibilidade à cor, linha, forma, configuração e espaço. Inclui também, a capacidade de visualizar, de representar graficamente idéias visuais e de orientar-se apropriadamente em uma matriz espacial.” O aluno apresenta uma memória visual bem desenvolvida, tem uma boa organização espacial, localização, etc.

Ainda segundo Gardner (2000) trata das demais inteligências.

A **corporal-cinestésica**, diz respeito a psicomotricidade, ou seja o aluno apresenta uma grande habilidade manual e/ou destaca-se na prática de esportes e atividades motoras.

Na inteligência **musical**, o aluno apresenta facilidade em captar o som, apresentando uma sensibilidade para distinguir timbre, ritmo, etc., expressa sentimentos e expressões através do mesmo.

Já a inteligência **interpessoal** está ligada a habilidade de se envolver em grupos, lidar com pessoas, compreendendo diferentes temperamentos ou humores e sabendo socializar-se diante destes.

A inteligência **intrapessoal** se envolve com o autoconhecimento, na percepção de seus desejos, sonhos e ideais, não se envolve com o externo.

A inteligência **naturalista** apresenta uma grande facilidade de relacionamento com a natureza e o meio ambiente.

Por fim, tem-se a inteligência **existencial**, a qual desenvolve um pensamento investigativo e reflexivo, aprofundando-se em questões filosóficas, religiosas, místicas e da arte.

Com isso, é instigante refletir que estas inteligências nem sempre, são percebidas em um primeiro contato com o aluno, sendo necessário um acompanhamento do professor e da família para a identificação destes potenciais.

Todos os seres humanos apresentam estas inteligências que foram citadas em graus variados, porém estas se dispõem de maneiras diferentes em cada pessoa, elas são independentes, mas raramente elas funcionam de forma isolada, existe uma combinação de inteligências. Gardner (1994) coloca que todo mundo apresenta habilidades básicas em todas as inteligências, porém estas em alguns casos irão se destacar mais tanto por fatores genéticos como por condições ambientais. Pensando neste estudo, é preciso estimular todas as formas de inteligências percebendo as mais destacadas pelos alunos com comportamentos de AH/SD a fim de estimulá-las e potencializá-las.

A escola tem um papel fundamental quando se sente responsável e procura potencializá-las, desenvolvendo ações que respeitem e valorizem a diversidade humana, já que os alunos com AH/SD possuem comportamentos e interesses diferenciados. É um grande desafio, pois é necessário criar e possibilitar meios para que não se desperdicem potenciais, interesses e habilidades.

O professor pode ser um sujeito ativo nesse processo de identificação, visto que acompanha diariamente o desenvolvimento, as interações do aluno, podendo contribuir significativamente, tanto para a identificação, quanto para um trabalho educacional diferenciado.

O professor no cotidiano escolar precisa reconhecer e responder às necessidades diversificadas de seus alunos, bem como trabalhar diferentes 'potencialidades', estilos e ritmos de aprendizagem, assegurando com isso uma educação de qualidade. (FREITAS; PÉREZ, 2010, p. 5)

Sendo assim, considerando o que as autoras mencionam, entende-se como complexo o desenvolvimento de ações relativas à acessibilidade educacional dos estudantes com AH/SD, tendo, como um dos motivos, o fato de que os próprios comportamentos apresentados pelos estudantes não são facilmente evidenciados e confirmados, especialmente pela carência da formação dos professores nesta área. As autoras (FREITAS, PÉREZ, 2010) também deixam clara a importância do ambiente para a manifestação e qualificação das potencialidades destes estudantes, bem como da permanência da observância destas potencialidades, no decorrer do tempo.

Poucos professores têm esse conhecimento, o que dificulta a identificação na escola. Esses alunos não são percebidos, podem ser vistos como alunos problemas, aqueles que perturbam a aula, o que faz com que o professor o deixe de lado, não percebendo assim suas habilidades.

Muitas crianças talentosas ficam sem incentivo, desestimuladas, desanimadas e abandonam os esforços e disciplina necessários para promover o desenvolvimento de seu potencial; por isso uma boa parte do talento humano é desperdiçado, mediocrizado ou permanece sem se desenvolver (GUENTHER, 2000, p.51-52)

É importante que a gestão perceba isso, a fim de incentivar a formação continuada, pois é com o incentivo a continuar estudando e se aprimorando que os professores vão conhecer quem são esses alunos, identificá-los em sala de aula e proporcionar assim um trabalho diferenciado e de qualidade voltado para cada aluno, de acordo com as suas características e especificidades.

Novos desafios e exigências são apresentados à escola, que recebe o estatuto legal de formar cidadãos com capacidade de não só enfrentar esses desafios, mas também de superá-los. Como consequência, para trabalhar em educação, de modo a atender essas demandas, torna-se imprescindível que se conheça a realidade e que se tenha as competências necessárias para realizar nos contextos educacionais os ajustes e mudanças de acordo com as necessidades e demandas emergentes no contexto da realidade externa e no interior da escola. No contexto dessa sociedade, a natureza da educação e as finalidades da escola ganham uma dimensão mais abrangente, complexa e dinâmica e, em consequência, o trabalho daqueles que atuam nesse meio (LÜCK, 2009, p.16).

Cabe a gestão escolar a organização e liderança de toda a comunidade escolar, pensando sempre na qualidade da aprendizagem e da formação que está sendo proporcionada para os alunos. Apenas a formação inicial não dá um embasamento suficiente para fazer isso, tendo em vista que a formação que este professor vivenciou está ligada há uma determinada época, e muitas vezes este tema não foi abordado e debatido.

Como salienta Tardif, o saber do docente que é um “saber plural, formado de diversos saberes provenientes das instituições de formação, da formação profissional, dos currículos e da prática cotidiana” (2002, p. 54). Com todas essas mudanças, é necessário se desacomodar de princípios e valores e pensar que precisamos de professores aptos para trabalhar com essas crianças no ensino comum. Para isso a gestão escolar precisa estar atuando com comprometimento e organização, para ter esse conhecimento e reconhecer que hoje a realidade dos alunos que recebemos está mudando e os professores precisam de incentivo e oportunidades de se aprimorar.

Ao fazer uma pesquisa bibliográfica de outros estudos que relacionam estas áreas estudadas, encontrou-se um trabalho já desenvolvido sobre a gestão escolar e AH/SD, realizado por uma integrante do GPESP, no curso de Especialização em Gestão Educacional, intitulado “Alunos com Altas Habilidades/Superdotação e seu atendimento em uma escola pública: uma discussão sobre a inclusão e a gestão educacional”, o qual teve por objetivo:

Investigar como uma escola, através do processo de gestão educacional, organiza suas propostas administrativas e pedagógicas para promover o desenvolvimento das potencialidades dos alunos com características de altas habilidades/superdotação (NEGRINI, 2008, p.433).

Um dos resultados apresentados neste trabalho, a partir da realização da pesquisa em uma escola pública, é a percepção de que são apresentadas questões no PPP e no Regimento Escolar em relação a educação especial, porém, não é descrito um atendimento para alunos com comportamento de AH/SD. Percebendo-se assim a importância de debates para que aconteça de fato o entendimento desse atendimento para os professores regentes sentirem-se mais preparados.

A pesquisa que se busca então realizar neste momento está ligada diretamente à gestão escolar para incentivo e oportunidades para os professores conhecerem a

temática das AH/SD e identificar esses alunos, para que desta forma possa ter um trabalho de qualidade, potencializando as características desses alunos.

2.3 ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO E GESTÃO ESCOLAR

Mesmo com o espaço que a temática das AH/SD vem ganhando no âmbito escolar, surgem alguns tensionamentos, visto que esses alunos estão nas salas de aulas e inúmeras vezes são rotulados como alunos problema ou são deixados de lado.

Novos desafios e exigências são apresentados à escola, que recebe o estatuto legal de formar cidadãos com capacidade de não só enfrentar esses desafios, mas também de superá-los. Como consequência, para trabalhar em educação, de modo a atender essas demandas, torna-se imprescindível que se conheça a realidade e que se tenha as competências necessárias para realizar nos contextos educacionais os ajustes e mudanças de acordo com as necessidades e demandas emergentes no contexto da realidade externa e no interior da escola. No contexto dessa sociedade, a natureza da educação e as finalidades da escola ganham uma dimensão mais abrangente, complexa e dinâmica e, em consequência, o trabalho daqueles que atuam nesse meio (LÜCK, 2009, p.16).

A gestão escolar tem um trabalho bastante complexo, pois a escola propõe desafios, como, formar cidadãos capazes de superar desafios e não só enfrentá-los, para isso é preciso ter um olhar, reconhecer as diferenças dos alunos e como cada um precisa ser estimulado, utilizando dos interesses já apresentados pelos alunos. Paro (2007, p.34) menciona que

A qualidade da educação oferecida deve referir-se, portanto, à formação da personalidade do educando em sua integridade, não apenas a aquisição do conhecimento em seu sentido tradicional. Certamente, não se trata de volta-se contra os conteúdos das disciplinas que usualmente compõem os currículos, e sim de valorizar esses conteúdos, mas fazê-lo de acordo com sua contribuição para a formação integral, superando a função meramente “credencialista”, na qual se tem pautado o ensino básico.

Hoje vive-se em um espaço muito heterogêneo e é preciso uma educação diferenciada, pensando sempre nos interesses e necessidades do seu aluno, procurando propor um trabalho que contemple as suas necessidades, visando um desenvolvimento cada vez melhor. Como diz Paro (2007) é difícil responder “Como a escola prepara para vida?”, toda a gestão tem um papel muito importante na vida desses alunos, fala-se em gestão em toda a comunidade escolar, pois é um conjunto

de atitudes e responsabilidades que vamos conseguir preparar esses alunos para a vida.

Cabe a gestão escolar a organização e liderança de toda a comunidade escolar, preocupando-se sempre com a qualidade da aprendizagem e da formação que está sendo proporcionada para os alunos. O professor precisa estar em constante estudo, sempre buscando novos conhecimentos, pois como já foi citado anteriormente a formação inicial não dá esse embasamento.

Como salienta Tardif, o saber do docente que é um “saber plural, formado de diversos saberes provenientes das instituições de formação, da formação profissional, dos currículos e da prática cotidiana” (2002, p. 54). Para isso a gestão escolar precisa estar atuando com comprometimento e organização, pois hoje a realidade dos alunos está mudando e os professores precisam de incentivo e oportunidades de se aprimorar, e a gestão provocar uma sensibilização na escola, para que os professores sintam-se responsáveis em fazer a diferença.

Percebe-se, o desconhecimento sobre quem são esses alunos e as possibilidades de desenvolver o trabalho pedagógico com eles dentro da sala de aula, contando com o envolvimento dos demais colegas, visando o desenvolvimento de suas potencialidades e a minimização de suas dificuldades. Para além do trabalho a ser feito pela/com a Educadora Especial, que infelizmente pelo que encontramos nas escolas poucos alunos com comportamento de AH/SD estão recebendo atendimento, pois acredita-se que outras necessidades precisam mais de atendimento que os alunos com comportamentos de AH/SD. Porém, se sabe o quanto é importante esse atendimento. Segundo Paro (2007, p.38)

[...] a educação escolar das massas é vista da perspectiva tradicional e conservadora de mera passagem de conhecimentos. Às vezes, até mesmo os comportamentos mais simples e essenciais relacionados com as condutas dos educandos, que, antigamente, supunha-se ser obrigação dos pais, passam a ser repelidos por educadores como se fosse impróprio à escola provê-los a seus alunos.

Muitas vezes o que se encontra nas escolas são professores já desgastados, questionando-se o seu papel e principalmente desestimulados, o que acaba acarretando uma série de problemas. O curso de Pedagogia e até mesmo de Educação Especial nem sempre dão o suporte suficiente para trabalhar com todos esses alunos, sendo que a carga horária nem sempre consegue abordar todas as

especificidades dos sujeitos e seus contextos, porém, estes alunos estão na sala de aula. Concorda-se que educar não é uma tarefa fácil, é preciso muito estudo e mesmo assim é difícil definir o que seja qualidade do ensino hoje, as expectativas dos alunos, pais e sociedade são muitas.

Nesse sentido, surge a preocupação com a formação continuada desses profissionais que estão atuando nas escolas e têm em suas turmas alunos em processo de inclusão, pois ainda são restritas as discussões dessa temática no currículo dos cursos de graduação em licenciaturas. O fato de esse público ser cada vez mais presente nas escolas, esses professores precisarão dar conta de atendê-los em suas turmas. Segundo Libâneo (2008),

uma escola bem organizada e bem gerida é aquela que cria e assegura as melhores condições organizacionais, operacionais e pedagógico-didáticas de desempenho profissional dos professores, de modo que seus alunos tenham efetivas possibilidades de serem bem-sucedidos em suas aprendizagens (LIBÂNEO, 2008, p.263).

Percebe-se a dificuldade de ter um atendimento e um trabalho que aconteça de fato pensando nestes alunos, afim de suprir suas necessidades e potencializar suas habilidades. Dificuldade essa que acontece por diversos fatos, ou por falta de conhecimento dos professores sobre a temática, falta de recursos, falta de atendimento educacional especializado, falta de uma programação do PPP e no regimento escolar. Problemas esses que deveriam/devem ser problematizados com a Gestão Escolar, pois os alunos estão na escola e algo precisa ser feito.

A Constituição Federal (BRASIL, 1988) garante, em seu Art. 205, o direito à educação, e também, nos Art. 206, inciso I e Art. 208, inciso III, a igualdade de condições para o acesso e permanência na escola e a garantia do atendimento educacional especializado (AEE), dos alunos público alvo da Educação Especial, preferencialmente, na rede regular de ensino.

Embora seja direito constitucional de todos receber essa educação de qualidade equitativa, percebe-se que não há um investimento na (re)formulação dos Projetos Pedagógicos dos Cursos (PPCs) das licenciaturas em nível de ensino superior para que contemplem disciplinas que oportunizem suporte teórico e prático na perspectiva inclusiva para o atendimento dessa demanda dentro da sala de aula regular. Visto que precisamos de uma gestão participativa, onde todos devem se sentir parte da gestão escolar. Tanto professores, como coordenadores e educadores

especiais devem ter conhecimento sobre a temática, e pensar na problematização deste tema dentro da escola, na reformulação no PPP e nas práticas pedagógicas, já que nos cursos de graduação não tem-se conhecimento suficiente. A nossa realidade nas escolas vem mudando, cada vez mais percebe-se a necessidade do atendimento para esses alunos, então é preciso encontrar estratégias para que estas demandas sejam atendidas no contexto escolar.

É necessária uma formação mais adequada e contínua para esses gestores, de forma a contemplar a temática da educação inclusiva nos currículos, tendo em vista que esta é uma demanda das práticas pedagógicas atuais. O professor precisa ser sempre um pesquisador, buscar cursos de formação para aprimorar sua prática, pois precisa estar apto para trabalhar com a diversidade que encontramos nas salas de aula, trabalhando diferentes potencialidades, ritmos, estilos, tendo assim uma educação de qualidade.

3. METODOLOGIA

Pensando no problema e objetivos trabalhados nesta pesquisa, apresento os caminhos metodológicos que foram seguidos para chegar aos resultados.

Para se realizar uma pesquisa é preciso promover o confronto entre os dados, as evidências, as informações coletadas sobre determinado assunto e o conhecimento teórico acumulado a respeito dele. Em geral isso se faz a partir do estudo de um problema, que ao mesmo tempo desperta o interesse do pesquisador e limita sua atividade de pesquisa a uma determinada porção do saber, a qual ele se compromete a construir naquele momento. Trata-se, assim, de uma ocasião privilegiada, reunindo o pensamento e ação de uma pessoa, ou de um grupo, no esforço de elaborar o conhecimento de aspectos da realidade que deverão servir para a composição de soluções propostas aos seus problemas (LUDKE, 1986, p.1-2).

Foi desenvolvida uma pesquisa qualitativa, pois de acordo com Minayo (2013) este tipo de pesquisa responde a questões muito particulares, trabalhando com o universo dos significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes. Desta forma serão extraídas informações de uma interação direta com todos, professor(a), diretora e vice-diretora e educador(a) especial, que de alguma forma trabalham com alunos com comportamento de AH/SD.

Esta pesquisa tem um caráter exploratório, segundo Gil (1999, p.43) a pesquisa exploratória tem como objetivo principal desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e idéias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores. O campo foi a gestão escolar de uma escola estadual de Santa Maria - RS evidenciando-se a importância de uma posição reflexiva e uma atuação diferenciada com alunos com comportamentos de AH/SD.

Realizou-se um estudo de caso, de acordo com Yin (2010, p. 23) “um dos empreendimentos mais desafiadores na pesquisa”, ainda segundo Yin (2010, p. 39)

(...) o estudo de caso é uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo em profundidade e em seu contexto de vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não são claramente evidentes.

Este modelo proporcionará argumentação e reflexão, a partir da percepção sobre a temática das AH/SD de quatro integrantes da escola.

Foram entrevistadas uma professora, a diretora e a vice-diretora e a educadora especial da escola, visto que são integrantes da comunidade escolar que estão

diretamente em contato com esses alunos, tendo conhecimento de como foram identificados esses alunos, quem são eles e se é realizando algum trabalho específico para esses alunos. A escola foi escolhida tendo em vista que já aconteceu um processo de identificação dos alunos com AH/SD.

A Professora é formada em Pedagogia - Anos Iniciais, e está trabalhando na escola há quatro anos. A Diretora é formada em Geografia – licenciatura plena e possui especialização, tendo quase 30 anos de formação. A Vice-diretora é formada em Pedagogia com especialização em Psicopedagogia. A Educadora Especial tem formação em Educação Especial com habilitação em Audiocomunicação, com formação continuada em AH/SD.

Foi entregue o termo de consentimento livre e esclarecido (EM ANEXO 1), assim foi feita a coleta de dados com base em entrevistas semiestruturadas (EM APÊNDICE 2) que foram gravadas e transcritas posteriormente para um melhor detalhamento do estudo e discussão. Segundo Minayo (2013, p.64) a entrevista semiestruturada combina com perguntas fechadas e abertas, em que o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema em questão se prender a indagação formulada, por isso a escolha deste método, pensando no conforto para o entrevistado de poder expor suas ideias sem preocupar-se tanto com as perguntas, possibilitando assim um melhor diálogo.

Conforme citado anteriormente, as entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas, sendo analisadas pela Análise de Conteúdo, como cita Bardin (2011, p.125)

As diferentes fases da análise de conteúdo, tal como o inquérito sociológico ou a experimentação, organizam-se em torno de três polos cronológicos:

- 1) A pré-análise;
- 2) A exploração do material;
- 3) O tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação.

A análise de conteúdo é uma técnica onde analisa-se o que foi dito nas entrevistas ou o que foi observado, depois classifica-se por categorias levando em consideração os objetivos propostos neste trabalho. Assim é feito um recorte das entrevistas, agrupando tematicamente nas categorias escolhidas, as quais possibilitam então discussões. De acordo com Silva e Fossá (2013), estes destacam que segundo Bardin (2011), consiste no desmembramento do texto em categoriais agrupadas analogicamente. A opção pela análise categorial se respalda no fato de

que é a melhor alternativa quando se quer estudar valores, opiniões, atitudes e crenças, através de dados qualitativos.

Desta forma, após serem transcritas as entrevistas, foram sistematizadas as ideias e assim feita uma interpretação levando em consideração a bibliografia sobre a temática das AH/SD, gestão escolar e o que foi mencionado pelos participantes do estudo pelos membros da escola.

4. ANÁLISE DOS DADOS

Como citado anteriormente na metodologia a análise por categorias foi considerada a melhor opção para estudar valores, opiniões e atitudes. Pensando neste sentido e através dos objetivos propostos, foram escolhidas 4 (quatro) categorias para discussão, que são elas:

- Processo de Identificação;
- A Escola e as Altas Habilidades/Superdotação;
- Trabalho Pedagógico realizado com alunos com comportamento de AH/SD;
- Apoio da Gestão;

Estas categorias serão debatidas individualmente a partir de então, considerando as relações com os referenciais teóricos e as contribuições dos participantes do estudo.

4.1 PROCESSOS DE IDENTIFICAÇÃO

Os alunos com comportamentos de AH/SD estão se destacando cada vez mais dentro da escola e em suas salas de aula, para isso é importante os professores conhecerem mais sobre a temática para ter um olhar sensível para observar e identificar estes sujeitos. Desse modo, é importante que o professor saiba reconhecer os comportamentos destes sujeitos, de modo a identificar suas habilidades e suas necessidades educacionais especiais, estimulando o seu desenvolvimento nas diversas áreas. E o trabalho do professor é fundamental para conduzir os interesses dos alunos de maneira produtiva, para que se encontre enquanto sujeito social e com sua identidade em formação. Guimarães e Ourofino (2007) ressaltam que:

A identificação do aluno com altas habilidades/superdotação requer a realização de uma seqüência de procedimentos, tornando o processo capaz de detectar os alunos com potencial superior. Esses procedimentos devem incluir etapas bem definidas e instrumentos apropriados, formando uma combinação entre avaliação formal e observação estruturada no próprio contexto da escola, permitindo avaliar conhecimentos, estilos de aprendizagem e de trabalho do aluno. É importante que a identificação seja um processo contínuo. Isto significa acompanhar o aluno mesmo após seu ingresso em um programa para alunos com altas habilidades/superdotação (GUIMARÃES e OUROFINO. 2007, p.56).

A participação do professor é muito importante, pois este vai trazer dados específicos de cada aluno, que posteriormente serão reconhecidas pelos dados trazidos pelos pais e/ou responsáveis. Para tanto, a identificação só terá sentido, se a mesma for utilizada com a finalidade de atender as necessidades dos seus alunos, auxiliando em seu desenvolvimento.

Em entrevista com a Educadora Especial, quando questionada sobre como foi realizado o processo de identificação relatou:

A gente teve experiência ano passado, a gente teve duas estagiárias da universidade e aí, elas vieram para fazer o primeiro estágio que é o de observação e aí foi iniciativa das estagiárias fazer então a identificação, daí conversaram com a Professora Nara, a Professora Nara aceitou e nós fizemos a proposta para a escola. Inicialmente a proposta era para toda a escola, então a escola aceitou, e...o que nós fizemos primeiro, as gurias fizeram uma formação para os professores sobre altas habilidades, os mitos, toda aquela questão mais simples, mas que pudesse dar um conhecimento aos professores e a partir daí eles tinham que preencher algumas fichas para identificar alguns alunos que eles achavam que tinham mais habilidades em determinadas áreas. A gente não teve muita adesão dos anos finais assim, os professores alegavam que não conheciam tanto os alunos, assim, foi bem mais difícil. Os professores dos anos iniciais do turno da manhã, preencheram e fizeram essa devolutiva né, os da tarde quase ninguém se comprometeu e a noite a gente ia fazer, mas enfim deu um problema na escola, a gente não teve para Educação de Jovens e Adultos.

Ainda sobre o processo de identificação a Educadora Especial diz:

Então, dos que fizeram que foram o pessoal do turno da manhã e da tarde, os anos finais, da manhã que se comprometeram e fizeram e aí as gurias fizeram a identificação, foram de 100 alunos, elas identificaram esses 8. Aí depois dessa identificação aí elas fizeram com os pais, a gente fez uma reunião com os pais explicando o que que era esse processo, os pais assinaram uma autorização e aí as gurias proporem umas oficinas, aí nessas oficinas foram o que elas começaram identificar e a partir dessas oficinas foi feito um ensino colaborativo, foi feito com todas...aí um ensino colaborativo com todos para ver eles em sala de aula também né. Aí o estágio delas, o segundo estágio, daí sim, elas fizeram, ao invés de atender eles individualmente, elas atendiam através do ensino colaborativo. [...]elas usaram fichas com os professores, com a família, com o aluno e com os colegas, que os colegas indicavam e foi muito legal assim porque fechava muito, a maioria dos colegas assim em determinada área indicavam o mesmo sabe.

Percebe-se na fala da Educadora Especial a importância que teve o trabalho das estagiárias na escola, motivou muito a Educadora Especial e alguns professores para o conhecimento sobre a temática e procurar meios para trabalhar de forma diferenciada. Todos os alunos que foram identificados são atendidos no AEE.

Porém, percebe-se que essa sensibilização não atingiu a todos, muitos professores ainda falam sobre a falta de tempo, por não conhecerem seus alunos direito ou até mesmo por não acreditar na temática. Alguns professores, como disse a Educadora Especial, alegaram que não conheciam muito seus alunos, o professor precisa de um olhar diferenciado para cada aluno, percebendo assim suas necessidades e anseios para ter um trabalho de qualidade pesando em cada um.

O professor neste processo de identificação deve ser um sujeito ativo, visto que acompanha diariamente o comportamento deste aluno, podendo assim contribuir de forma significativa. É preciso pensar nesses alunos que estão dentro da escola, muitas vezes tornam-se inquietos diante de uma educação mais tradicional e não tanto motivadoras. É difícil e desafiador para o professor e até mesmo para os colegas aceitar o aluno questionador, que critica, que está sempre na frente, provocando um desconforto em sala de aula.

Infelizmente como resultado de todas essas práticas inadequadas e as relações sociais, este aluno com comportamento de AH/SD pode acabar deixando de lado seus interesses e sua forma de ser para se tornar parte da turma, na normalidade e ser aceito. Para que isso não aconteça é preciso que o professor reconheça esses sujeitos, identifique e que realizem um trabalho pensando no desenvolvimento deles.

4.2 A ESCOLA E AS ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO

A diversidade vem fazendo parte do contexto escolar e para isso precisa-se de profissionais em busca de novos conhecimentos para trabalhar de forma adequada e diferenciada. Segundo Penin & Vieira (2002) sempre que a sociedade defronta-se com mudanças significativas em suas bases sociais e tecnológicas, novas atribuições são exigidas da escola.

Isso acontece com os alunos com comportamentos de AH/SD, pois cada vez mais estão necessitando de um olhar mais nas salas de aula e exigindo dos professores conhecimento sobre a temática e um trabalho diferenciado. Na escola em que a pesquisa foi realizada percebe-se o interesse e preocupação dos profissionais com esses alunos, mesmo tendo carência de conhecimento em sua formação inicial.

O professor no cotidiano escolar precisa reconhecer e responder às necessidades diversificadas de seus alunos, bem como trabalhar diferentes 'potencialidades', estilos e ritmos de aprendizagem, assegurando com isso uma educação de qualidade. (FREITAS; PÉREZ, 2010, p. 5)

Sendo assim, considerando o que as autoras mencionam, entende-se como complexo o desenvolvimento de ações que envolvam a acessibilidade educacional dos estudantes com AH/SD, tendo, como um dos motivos, o fato de que os próprios comportamentos apresentados pelos estudantes não são facilmente evidenciados e confirmados, especialmente pela carência da formação dos professores nesta área. As autoras também deixam clara a importância do ambiente que permita a manifestação e qualificação das potencialidades destes estudantes.

Foram entrevistados 4 profissionais, a educadora especial da escola, uma professora que tem alunos com comportamento de AH/SD em sua turma, e a diretora e vice-direta que responderam juntas. Segundo a Educadora Especial da escola, alunos com AH/SD,

[...] tem assim um conhecimento acima da média né, nas diversas áreas, na escola por exemplo a gente tem alunos nas diversas áreas, eles se destacam nessa área que eles conseguem assim e além do comprometimento que ele tem com essa área que eles tem altas habilidades [...] (EDUCADORA ESPECIAL)

A professora também demonstra um certo conhecimento sobre a temática das AH/SD, a diretora e vice-diretora demonstram mais insegurança, justificam que essa parte é com a Educadora Especial, mas respondem que “[...] dentro da normalidade é a mesma coisa que os outros, mas tu observa que eles tem algo a mais para dar. É isso aí!”. A escola teve um processo de identificação e foi neste período que foram explanadas para os professores as características e especificidades do aluno com AH/SD, tanto a professora quanto a diretora e vice ligam suas respostas ao cotidiano com esses alunos e seus comportamentos. Me questiono quando falam de normalidade em seus discursos: O que seria ser normal neste contexto? Estar no padrão? Aquele que apresenta os resultados conforme esperam? Dessa forma segundo Thoma (2016, p.21) cabe a [...]Modernidade, da escolarização em massa, condição para o governo dos indivíduos, para o controle da multiplicidade e heterogeneidade, para a homogeneização e normalização das diferenças.

Percebemos na citação que Thoma que é preciso pensarmos na multiplicidade e na heterogeneidade, esquecendo esse discurso de normalidades, de perfeições.

Nenhum desses profissionais teve conhecimento sobre as AH/SD em sua formação inicial. A professora relata que teve só conhecimentos básicos na faculdade de Pedagogia, e a Educadora Especial, diretora e vice-diretora não tiveram conhecimentos sobre o assunto. Porém, a professora e a Educadora Especial relatam que pela necessidade de atender esses alunos foram estudar sobre a temática ou fazer formação continuada, como foi o caso da Educadora Especial.

O trabalho do professor é fundamental para conduzir os interesses do aluno, de maneira produtiva, para que esse se encontre enquanto sujeito social e com sua identidade em formação. Para tanto, a escola precisa vencer preconceitos, superar mitos, entender as peculiaridades das AH/SD e capacitar adequadamente seus profissionais. Percebe-se desta forma a preocupação em entender esses alunos e procurar a melhor forma de atendê-los. Porém, cabe ressaltar que esta preocupação não deve restringir-se por parte da Educadora Especial e na professora da turma, pois como já citado anteriormente, a gestão participativa é um processo que envolve todos os membros da escola em busca de uma educação de qualidade.

4.3 TRABALHO PEDAGÓGICO REALIZADO COM ALUNOS COM COMPORTAMENTOS DE AH/SD

Sabe-se o quanto é desafiador o trabalho com alunos com comportamentos de AH/SD, eles exigem um trabalho diferenciado e motivador dos profissionais da educação. Copley (1993, p.96) destaca que,

Um número substancial de crianças superdotadas iniciam a escola com altas expectativas e grande entusiasmo (como é o caso da maior parte das crianças), mas logo se tornam frustradas e entediadas. Muitas entram em uma espiral de desapontamento, passando a rejeitar a instituição escola e/ou a duvidar de suas próprias habilidades e mesmo seu valor como pessoa. Muitas lidam com esta questão através do isolamento, hostilidade ou agressividade, mas podem também aprender em uma idade precoce que tais problemas podem ser evitados adotando deliberadamente a tática de "faking bad". Este é um problema especialmente freqüente entre meninas e membros de grupos minoritários, dada a forte pressão para se conformar aos valores antagônicos à alta realização na escola.

Percebe-se na escola a preocupação da professora e da educadora especial em atender esses alunos, mas mesmo assim percebe-se que é necessária uma motivação diferente para ver o crescimento e a vontade de realizar as propostas, havendo uma preocupação em envolver a turma com esses alunos também. A Educadora Especial relata que

[...]é atividades bem diversificadas, eu trabalho dentro da proposta de enriquecimento curricular, então a gente propõe desafio para eles, para que eles possam realizar, só que eles se sentem todos comprometidos, eles sempre querem fazer o melhor, querem fazer mais e assim o bom é que esses alunos, eles de certa forma eles elevam também o nível da turma. Porque além do trabalho que eu faço em sala de aula eu faço com o ensino colaborativo com eles, com alunos que tem altas habilidades eu também entro na sala, então a gente também propõe desafio para os outros também. E ai isso eleva o nível da turma.

A professora, apesar de não ter uma formação nesta temática, devido a necessidade teve que ir buscar e aprofundar os seus conhecimentos a respeito. Quando questionada de como é ter um aluno com comportamento de AH/SD, a professora se remete em sua fala a experiência de ter uma aluna com comportamento de AH/SD, ela relata

É um desafio! É um desafio diário, porque tem atividades propostas que eles tem que fazer, que são do currículo, que estão propostas no livro e eles não tem interesse porque não é algo que chame atenção. Então as vezes tem que modificar um pouquinho ou fazer as modificações para que tu conquiste eles, para que ele consiga fazer ou então levar mais para o lado que aquela criança gosta [...] então assim eu tinha sempre que trazer coisas extras para ela, porque ela fazia aqueles ali, dai eu motivava pegava coisas assim de nível mais elevado para fazer com que ela se motivasse, que ela tivesse um desafio, porque se não fosse desafio, não tinha para ela o mesmo significado. Então eu procurava no mesmo contexto do tema que eu tava trabalhando eu desafiava ela com coisas além do nível dela e ela fazia.

Hoje existe um movimento muito grande na inclusão junto com os demais alunos, percebe-se na escola a preocupação de atender esses alunos, mas de envolver a turma nos interesses. Quando se pensa no trabalho docente hoje, deve-se perceber que muitas coisas mudaram e vem mudando. A cada momento criam-se novos paradigmas educacionais e são os professores que precisam perceber e (re)avaliar sua prática. Logo, é o professor que irá (re)construir sua prática pedagógica, visualizando o aluno como o centro desse processo.

Em relatos as participantes dizem que em 2015 foi aconteceu diferentes trabalhos envolvendo os interesses dos alunos com comportamentos de AH/SD, teve

oficina de robótica, pintura com grafite, da escrita onde trouxeram o Armandinho e confeccionaram histórias em quadrinhos, etc. As professoras demonstraram-se muito motivadas com esses trabalhos, relatando que sempre tiveram o apoio da gestão para realizar todas essas oficinas, porém, no ano de 2016 em função da greve não foi realizado nenhum trabalho.

É muito positivo perceber que aconteceu uma sensibilização em muitos profissionais da escola em relação aos alunos com AH/SD, onde estes sentiram-se responsáveis e provocaram mudanças não só nestes alunos, mas em toda turma. Infelizmente no ano de 2016 por questões externas não foi possível seguir com os projetos, porém, mesmo assim todos são atendidos pela Educadora Especial e algumas professoras seguem com um olhar atento, pensando sempre na motivação desses alunos. É preciso estar aberto de fato para a inclusão e a escola em um todo pensar em práticas e políticas que valorizem e pensem em uma formação adequada para esses alunos.

O conceito de inclusão no âmbito específico da educação implica, antes de mais nada, rejeitar, por princípio, a exclusão (presencial ou acadêmica) de qualquer aluno da comunidade escolar. Para isso, a escola que pretende seguir uma política de educação inclusiva (EI) desenvolve políticas, culturas e práticas que valorizam a contribuição ativa de cada aluno para a formação de um conhecimento construído e compartilhado, - e, desta forma, atinge a qualidade acadêmica e sociocultural sem discriminação. (RODRIGUES, 2006, p. 301-302)

Assim, devem ser organizadas propostas, currículos, e práticas para atender as necessidades específicas dentro da escola. Ao mesmo tempo que nota-se a preocupação desta professora e da educadora especial em lançar desafios e propor trabalhos diferentes para envolver esses alunos, a educadora especial relata que nem sempre há uma colaboração deste trabalho com os demais professores.

A maioria dos professores assim, o mesmo trabalho que eles fazem com os outros alunos eles fazem com eles. Claro que eles põem mais desafios, mas não tem nada especificamente. [...] não tem um trabalho diferenciado dos professores em sala de aula.

Percebe-se que ainda é necessária uma sensibilização para que todos os professores percebam a necessidade de ter um atendimento diferenciado com esses alunos para que se tenha um comprometimento na sala de aula e um melhor relacionamento entre professor e aluno. É fundamental um trabalho em grupo, onde

os estudantes podem desenvolver-se em cooperação através das trocas de experiências em áreas afins. Pensando também na auto-estimulação através da convivência, interação e trocas como outros alunos, também em contato com professores e profissionais de várias áreas.

4.4 APOIO DA GESTÃO

No decorrer do desenvolvimento do estudo, a gestão como um todo, sendo parte desta toda a comunidade escolar. Neste capítulo irei me deter mais na gestão como coordenação, a qual representa a gerência e administração da escola. Lück (2009, p.15) coloca sobre essa função que

A ação do diretor escolar será tão limitada quão limitada for sua concepção sobre a educação, a gestão escolar e o seu papel profissional na liderança e organização da escola. Essa concepção se constrói a partir do desenvolvimento de referencial de fundamentos legais e conceituais que embasem e norteiem o seu trabalho.

A entrevista foi realizada com a diretora e vice-diretora juntas por opção delas. Percebe-se no relato da professora e educadora especial que acontece o apoio da gestão, porém, nota-se que este apoio é nas propostas destas profissionais, não parte da coordenação a iniciativa de trabalhos diferenciados ou de formação continuada. Quando questionadas sobre quem são esses alunos, demonstraram insegurança mas conhecimento de quem são esses alunos, relatando sobre o comportamento deles pela observação que fazem desses alunos no dia a dia.

Ambas relatam que não tiveram nenhum conhecimento sobre a temática em sua formação, mas reconhecem que “faz falta ter esses conhecimentos”, “até para identificar”.

As escolas inclusivas são escolas para todos, implicando num sistema educacional que reconheça e atenda às diferenças individuais, respeitando as necessidades de qualquer dos alunos. Sob essa ótica, não apenas portadores¹ de deficiência seriam ajudados e sim todos os alunos que, por inúmeras causas, endógenas ou exógenas, temporárias ou permanentes, apresente, dificuldades de aprendizagem ou no desenvolvimento. (CARVALHO, 2004, p. 26)

¹O Conselho Nacional da Pessoa com Deficiência definiu através da portaria 2.344 que o termo correto para o tratamento das pessoas com necessidades especiais. Por lei, elas devem ser tratadas como Pessoa com Deficiência.

Pensando neste sentido, como nos mostra Carvalho (2004), a Educadora Especial demonstra um envolvimento positivo na escola, porém, a demanda de atendimentos é muito grande segundo informam os membros da escola, pois a educadora não atende apenas os alunos com comportamentos de AH/SD o que acaba sobrecarregando e impossibilitando talvez de realizar mais propostas para esses alunos.

Eu acho que deveria, no nosso caso ter mais uma educadora especial, porque a gente tem assim uma clientela bem grande né, e fora os alunos com Altas Habilidades tem outras deficiências e tem alunos autistas também. Então uma das coisas era frente a CRE conseguir uma educadora especial e assim, na verdade aqui na escola tudo que a gente propõe é aceito, então a gestão nesse sentido ela é bem aberta, desde que a gente faça um projeto, a gente argumente o porque que é importante determinado trabalho é bem tranquilo. Os professores se eu falar, ó vamos fazer um projeto, vamos fazer um ensino colaborativo, eu vou lá com eles propor eles fazem, aceitam. Agora, iniciativa deles já é mais complicado assim, porque daí eles alegam que não tem tempo, aquela coisa, toda aquela questão dos professores sabe. (EDUCADORA ESPECIAL)

Percebe-se no relato de todas que há um envolvimento e uma preocupação com esses alunos. A participação das estagiárias do curso de Educação Especial, em 2015 na escola fez uma sensibilização muito grande, porém, ainda sentem falta de uma formação mais avançada, como relata a professora.

O projeto da universidade que nos ajudou bastante, as meninas vieram, me ajudavam, me davam ideias, propostas e desafios para trabalhar, então foi muito bom esse apoio delas. A direção sempre nos apoiou em todas as atividades, a gente fazia trabalho em conjunto, integrado com as turmas e daí lançava os desafios para eles se integrarem, trabalharem juntos. [...]com certeza tudo que a gente aprendeu é significativo mas a formação ela traz possibilidades maiores das que a gente tem né e uma busca, uma leitura tu faz, mas a vida é corrida, a gente trabalha de manhã, trabalha de tarde e de noite tem planejamento, tem casa, família, fazer a janta. Então assim, é complicado, tu trabalha, tu procura, mas tu não tem aquela formação específica para aquilo. Então se a gente tivesse mais formações, mais oportunidades de aprender, com especialistas, com pessoas com mais informações para compartilhar seria melhor.

É satisfatório ver a vontade que esses profissionais demonstraram em conhecer mais e a preocupação em realizar um trabalho adequado. O aluno deve ser o centro da aprendizagem, deve se envolver nesse processo, investigando, analisando dados, colocando suas hipóteses, resolvendo problemas, etc.

A inclusão é igualmente um motivo que reforça o aprimoramento da capacitação profissional dos professores em serviço e que questiona a formação dos educadores, constituindo um motivo para que a escola se modernize atendendo às exigências de uma sociedade que não admite preconceitos, discriminação, barreiras sociais, culturais, ou pessoais. (MANTOAN, 1997, p. 56)

Apenas a formação inicial não proporciona um embasamento para fazer isso, tendo em vista que a formação que este professor vivenciou está ligada há uma determinada época, onde as concepções eram diferentes das que presenciamos hoje. Como diz Tardif, o saber do docente que é um “saber plural, formado de diversos saberes provenientes das instituições de formação, da formação profissional, dos currículos e da prática cotidiana.” (2002, p. 54). Com todas essas mudanças, é necessário se desacomodar de uma prática sem desafios e pensar que precisamos de professores aptos para trabalhar com esses alunos no ensino comum.

A gestão apresenta vontade de fazer a diferença e poderia se utilizar disso para proporcionar o crescimento tanto dos professores, como da Educadora especial e dos alunos. Pois apesar da boa vontade e do trabalho realizado pelas estagiárias que foi muito significativo na escola, ainda sentem que o atendimento precisa ser mais qualificado, como relata a professora

Eu acho que poderia ser bem mais qualificado, porque a gente faz naquela, na boa vontade né, a gente tem a boa vontade de ajudar, de fazer por eles, de trazer desafios, de motiva-los, mas eu não sei se é o correto, porque eu não sou especialista nesta área. Eu não tenho esse estudo, então assim eu acho que eu faço aquilo que eu penso que é bom que é significativo para eles, mas eu acredito que a escola tendo uma proposta mais elaborada em relação ao olhar para essas crianças o desafio e o rendimento deles seria bem maior né, com especialistas. Eles tem o atendimento com a professora P..., mas é uma vez por semana, se esse trabalho fosse mais amplo para os professores em conjunto eu acredito que seria muito mais estimulados e o desenvolvimento deles seria bem maior. É como eu te disse assim, eu sempre fiz aquilo que eu achava.

A diretora e a vice-diretora são positivas em seus relatos, porém, assim como a Educadora Especial sentem a necessidade de mais uma profissional na escola.

[...]cada vez mais nós estamos recebendo alunos diferenciados, alunos inclusos que vem não só os cadeirantes, mas esse também é um tipo que tem um atendimento diferenciado, então a escola tem que tá aberta para isso aí. Pode melhorar se nós tivesse uma educadora especial diária, porque a P... são duas tardes. Duas tardes ela tenta fazer mas não é suficiente. [...]ela faz a parte dela, mas se tivesse uma todas as tardes, cada problema que ia surgindo no decorrer das aulas dos outros professores seria mais fácil para,

pra...como é que eu vou te dizer, pra atender esses alunos, porque as vezes tu não sabe [...]só dois dias é pouco, mas ela se esforça.

Infelizmente, como relatam essas profissionais, é muito pouco o tempo da Educadora Especial na escola para a demanda de alunos tem, não só com comportamentos de AH/SD. Para que de fato a escola seja um ambiente inclusivo, não basta apenas pensarmos nos professores, precisamos ter uma gestão bem organizada e integrada de todos os assuntos e situações que podem ser encontradas, visando um ensino de qualidade, proporcionando para toda a equipe escolar uma constante reflexão. Por isso Lück (2006) salienta a gestão educacional como base fundamental para o sistema, e que deve estar alinhada as definições das políticas públicas da educação.

A gestão precisa incentivar a formação continuada dos professores, para que continuem se aprimorando e possam conhecer as especificidades de seus alunos, de maneira a proporcionar um trabalho diferenciado e de qualidade que respeite suas peculiaridades. Lück (2009) fala dos desafios e exigências que a escola recebe, tendo como papel formar cidadãos com capacidade de enfrentar seus desafios e para atender essas demandas é necessário conhecer a realidade, propondo nos contextos educacionais ajustes e mudanças de acordo com as demandas encontradas, tornando assim o trabalho do professor bastante dinâmico e complexo.

A gestão escolar tem um trabalho bastante complexo, pois a escola propõe desafios a todo o momento, como, formar cidadãos capazes de superar desafios e não somente enfrentá-los, para isso é preciso ter um olhar diferenciado, reconhecer as diferenças dos alunos. Cabe a gestão escolar a organização e liderança de toda a comunidade escolar, pensando sempre na qualidade da aprendizagem e da formação que está sendo proporcionada para os alunos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através dos dados obtidos nesta pesquisa é perceptível notar que ainda há por parte de muitos educadores uma resistência tanto para a identificação como no reconhecimento do aluno com AH/SD em sala de aula, alegando o desconhecimento do assunto, não conhecer os alunos ou a impossibilidade do aluno ter habilidade em determinadas áreas.

Porém, percebe-se o avanço a respeito da temática das AH/SD depois do apoio de estagiárias da Educação Especial na escola, onde provocou a sensibilização de alguns professores e da Educadora Especial. Também é importante ressaltar que mesmo as gestoras não tendo muitos conhecimentos, percebem a importância do atendimento, da identificação e de um trabalho diferenciado para esses alunos, apoiando as propostas das professoras e Educadora Especial para uma proposta diferenciada e de qualidade para esses alunos. Considera-se a importância da participação ativa do educador nas etapas percorridas para a identificação, além de contribuir na construção de sua identidade assim como no desenvolvimento educacional.

A gestão tem um papel fundamental, e percebe-se que muitas vezes os entendimentos estão equivocados com relação a gestão nas escolas, esta função é vista como o serviço exclusivo do diretor e supervisor ou também o que é trabalho do Educador Especial ou professor não precisa ser do conhecimento dos gestores. Todos os membros escolares precisam se sentir como gestores, pensando na mudança como um todo.

Na escola em que foi realizada a pesquisa, encontrei resultados bem positivos e motivadores, profissionais realmente comprometidos e uma gestão aberta a novas propostas. Porém, ainda é necessário sensibilizar mais profissionais, entender que todos os membros precisam conhecer os alunos com comportamentos de AH/SD, perceber seus comportamentos e pensar em formas diferenciadas de envolver esses alunos, pensando no seu sucesso.

O objetivo geral desta pesquisa, foi verificar como a gestão escolar de uma instituição pode auxiliar na ação docente efetiva em relação a alunos com AH/SD. Dessa forma, percebeu-se durante a pesquisa que houve uma certa insegurança por parte da diretora e vice-diretora durante a entrevista, justificando que a parte dos alunos com AH/SD era com a Educadora Especial, porém, demonstram algum

conhecimento e reconhecem a importância desses alunos serem identificados e atendidos de forma diferenciada. Assim como a professora e Educadora Especial, a gestão também percebe a dificuldade do atendimento pelo AEE e sente que é falha esta parte, levando em conta que a Educadora Especial está na escola dois dias para o atendimento não só com alunos com comportamentos de AH/SD. Então ambas profissionais relatam que tentam realizar um atendimento adequado, mas se tivesse outra Educadora Especial, em mais horários, teria um trabalho de mais qualidade.

Para complementar, apresentou-se os objetivos específicos, que procuram: Averiguar as concepções que a gestão escolar possui em relação aos alunos com AH/SD; Investigar como essas concepções da gestão escolar interferem na organização das ações pedagógicas com os alunos com AH/SD; Identificar de que forma a gestão escolar da escola colabora com os professores regentes a perceberem os alunos com AH/SD e propor um trabalho diferenciado com os mesmos e verificar e identificar se existe, e em caso positivo, qual é o trabalho diferenciado realizado com os alunos com AH/SD.

Percebeu-se no decorrer da pesquisa que, com a entrevista semiestruturada e o relato das professoras, conseguiu-se atingir estes objetivos. Levando em consideração que a gestão não apresenta uma concepção muito formada a respeito dos alunos com comportamentos de AH/SD e as iniciativas para identificação ou um trabalho diferenciado também não partem da gestão, foi muito elogiada pela professora e Educadora Especial por apoiar as propostas que são levadas, como foi o processo de identificação que as estagiárias da Educação Especial realizaram na instituição ou o trabalho diferenciado que foi proposto levando em consideração o ensino colaborativo que envolvia todos os alunos. A gestão percebeu a necessidade que aconteça esse trabalho diferenciado e apoia as propostas dos professores sempre que possível.

Foi muito motivador realizar a pesquisa nesta escola e ver que diante de tantas escolas que tem alunos identificados e que não recebem atendimento, nesta escola todos os alunos que foram identificados estão recebendo atendimento pelo AEE, muitas professoras realizam um trabalho em conjunto com a Educadora Especial, pensando em uma proposta de trabalho e até mesmo de avaliação diferenciada para os alunos com comportamentos de AH/SD, conforme a sua necessidade. Ainda é preciso haver uma sensibilização para atingir mais professores e além de tudo todos

sentirem-se gestores da escola, responsáveis e envolvidos com o todo, pensando no bem estar e o desenvolvimento desses alunos.

REFERÊNCIAS

ARMSTRONG, Thomas. *Inteligências múltiplas na sala de aula*. Prefácio Howard Gardner. 2.ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm>. Acesso em: 06 nov. 2016

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei 9.394/96. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm> Acesso em 05 nov. 2016

BRASIL. Ministério da Educação. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Ministério da Educação. Brasília: MEC/SEESP, 2008.

BUENO, Francisco da Silveira. *Minidicionário da língua portuguesa*. São Paulo: FTD, 1996.

CARVALHO, Rosita Edler. *Educação inclusiva: com os pingos nos "is"*. Porto Alegre: Mediação, 2004.

CROPLEY, A. J. Giftedness: Recente Thinking. *International Journal of Educational Research*, v. 19, p. 89-98, 1993.

FERREIRA, N.S.C. **Repensando e ressignificando a gestão democrática da educação na "cultura globalizada"**. Educação & Sociedade. Campinas, v.25, n. 89, p. 1227-1249, set./dez., 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v25n89/22619.pdf> .Acesso em: 19 fev.2017

FREITAS, S. N.; PÉREZ, S. G. P. B. **Altas Habilidades/Superdotação: atendimento educacional especializado**. Marília: ABPEE, 2010.

FREITAS, S. N.; PÉREZ, S. G. P. B. **Altas Habilidades/Superdotação: atendimento educacional especializado**. Marília: ABPEE, 2010.

GARDNER, H. **Estruturas da Mente: A Teoria das Inteligências Múltiplas**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1994.

GARDNER, H. **Inteligência: um conceito reformulado**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 1999, p. 43.

GUENTHER, Z. C. **Desenvolver capacidades e talentos: um conceito de inclusão**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

GUIMARÃES, T. G; OUROFINO, V. T. A. T. Estratégias de Identificação do Aluno com Altas Habilidades/ Superdotação, 2007.

LIBÂNEO, J. C. **Organização e Gestão da Escola: teoria e prática**. 5 ed. Goiânia: Alternativa, 2004.

———. **Organização e gestão da escola**. São Paulo: Alternativa, 2008.

LÜCK, H. **Gestão Educacional** – Uma questão paradigmática. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

———. **A Gestão Participativa na Escola**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

———. **Dimensões da gestão escolar e suas competências**. Curitiba, 2009.

LUDKE, M. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MANTOAN, M.T.H. A integração de pessoas com deficiência. São Paulo: Senac, 1997

MINAYO, C. S. (org.) **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 33.ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

NEGRINI, T.; FREITAS, S. N. Alunos com Altas Habilidades/Superdotação e seu atendimento a uma escola pública: uma discussão sobre a inclusão e a gestão educacional, 2008. Revista Contrapontos, disponível em: <http://www6.univali.br/seer/index.php/rc/article/view/964/0> Acessado em: outubro de 2014

PARO, Vitor Henrique. **Gestão escolar, democracia e qualidade do ensino**. São Paulo, 2007

PENIN, Sonia T. Sousa; VIEIRA, Sofia Lerche. **Refletindo sobre a função social da escola**. In: VIEIRA, Sofia Lerche (Org.). **Gestão da escola – desafios a enfrentar**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002

RENZULLI, J. **The three-ring conception of giftedness: a developmental model for creative productivity**. In: Renzulli, j. S.; Reis s. **The triad reader**. Mansfield center: creative learning press, 1986.

RENZULLI, J. S. **O que é esta coisa chamada superdotação, e como a desenvolvemos? Uma retrospectiva de vinte e cinco anos**. Educação, v. 27, n. 1, p. 75-131, Jan./Abr. 2004.

RODRIGUES, David. Dez idéias (mal) feitas sobre educação inclusiva. In: RODRIGUES, David. **Inclusão e educação: doze olhares sobre a educação inclusiva**. São Paulo: Summus, 2006. p. 301 – 302.

SENGE, P. **A quinta disciplina: arte, teoria e prática da organização da aprendizagem**. São Paulo: Best Seller, 1992.

SILVA, A. H; FOSSÁ, M. I. T. Análise de Conteúdo: Exemplo de Aplicação da Técnica para Análise de Dados Qualitativos. Brasília, 2013. Disponível em <http://www.anpad.org.br/diversos/trabalhos/EnEPQ/enepq_2013/2013_EnEPQ129.pdf> Acesso em: 23 de dezembro

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

VIEIRA, N. J.W. **O encontro da professora do ensino básico com alunos da Educação Especial: uma relação (im)possível?** Educação, v. 52, n.1, p. 133-151, jan/abr.2004

YIN, R. K. Estudo de caso: planejamento e métodos. 4. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do estudo: Um olhar da gestão escolar sobre alunos com altas habilidades/superdotação: compreensão e estímulo

Pesquisador responsável: Prof^a Tatiane Negrini e Acadêmica Aline de Freitas Gutierrez

Instituição/Departamento: Universidade Federal de Santa Maria

Telefone e endereço postal completo:(55) 96373232. Rua Pedro Santini, 3331, Casa 74 – Fase 2, 97060-480 - Santa Maria - RS.

Local da coleta de dados: Escola Estadual

Eu, Aline de Freitas Gutierrez e prof^a Tatiane Negrini, responsáveis pela pesquisa “Um olhar da gestão escolar sobre alunos com altas habilidades/superdotação: compreensão e estímulo”, o convidamos a participar como voluntário deste estudo.

Esta pesquisa pretende verificar como a gestão escolar de uma instituição pode auxiliar na ação docente efetiva em relação a alunos com AH/SD. Acreditamos que ela seja importante porque percebemos a necessidade de uma formação inicial de qualidade e uma formação continuada em relação aos alunos com Altas Habilidades/Superdotação, pensando na educação inclusiva de forma efetiva, reconhecendo as diferenças de todos, buscando sempre um espaço pensando no aluno em que possa aprender e se desenvolver.

Para sua realização será feito o seguinte: Será desenvolvida uma pesquisa qualitativa, sendo que serão extraídas informações de uma interação direta com os que de alguma forma trabalham com alunos com comportamento de AH/SD. Serão entrevistados um(a) professor(a), um(a) coordenador(a) pedagógico e um(a) educador(a) especial. Será realizado um estudo de caso, onde será feita uma análise com base em entrevistas semi-estruturadas que serão gravadas com os sujeitos em relação aos alunos com AH/SD e a sua posição em forma de incentivo para o trabalho dos professores regentes. Esta pesquisa tem um caráter exploratório, no qual o campo de investigação será a gestão escolar de uma escola estadual de Santa Maria - RS. Sua participação se dará através da entrevista, que será gravada.

A participação nesta pesquisa não traz complicações legais. Você pode sentir algum desconforto durante a realização da entrevista, e se isso acontecer, poderão ser realizados intervalos para evitar o cansaço. Os benefícios que esperamos com o estudo são que se tenha informações importantes sobre a temática das Altas Habilidades/Superdotação.

Durante todo o período da pesquisa você terá a possibilidade de tirar qualquer dúvida

ou pedir qualquer outro esclarecimento. Para isso, entre em contato com algum dos pesquisadores ou com o Comitê de Ética em Pesquisa.

Você tem garantida a possibilidade de não aceitar participar ou de retirar sua permissão a qualquer momento, sem nenhum tipo de prejuízo pela sua decisão.

As informações desta pesquisa serão confidenciais e poderão ser divulgadas, apenas, em eventos ou publicações, sem a identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação. Também poderão ser utilizadas imagens.

Os gastos necessários para a sua participação na pesquisa serão assumidos pelos pesquisadores. Fica, também, garantida indenização em casos de danos comprovadamente decorrentes da participação na pesquisa.

Autorização

Eu, _____, após a leitura ou a escuta da leitura deste documento e ter tido a oportunidade de conversar com o pesquisador responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, estou suficientemente informado, ficando claro para que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetido, dos possíveis danos ou riscos deles provenientes e da garantia de confidencialidade. Diante do exposto e de espontânea vontade, expresso minha concordância em participar deste estudo e assino este termo em duas vias, uma das quais foi-me entregue.

Assinatura do voluntário

Assinatura do responsável pela obtenção do TCLE

Santa Maria, _____ de _____ de _____.

APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA: COORDENAÇÃO



ROTEIRO DE ENTREVISTA

Coordenação

- 1) Como você descreve os alunos com comportamento de Altas Habilidades/Superdotação?
- 2) Você teve na sua formação inicial ou na Formação continuada conhecimentos sobre o tema das AH/SD? Em caso negativo, como teve informações sobre esta temática?
- 3) A escola possui alunos indicados com comportamento de AH/SD? Você tem conhecimento de quem são esses alunos? Sabe informar quantos?
- 4) Como aconteceu o processo de identificação destes alunos na escola?
- 5) Esses alunos recebem atendimento educacional especializado? Como funciona o atendimento?
- 6) Em sala de aula, como é o trabalho pedagógico com estes alunos com AH/SD? É realizado um trabalho diferenciado visando atender suas necessidades?
- 7) Você pensa que o corpo docente conhece a temática das AH/SD e planeja suas práticas para atender este público na escola?
- 8) Como acontece o apoio da gestão escolar para o reconhecimento e atendimento educacional destes alunos com AH/SD?
- 9) Como você acha que a gestão poderia auxiliar de maneira mais efetiva no trabalho pedagógico estes alunos?
- 10) Você acha que vem sendo realizado um atendimento adequado para esses alunos com AH/SD na escola? O que poderia ser qualificado?

APÊNDICE C - ROTEIRO DE ENTREVISTA: PROFESSORA



ROTEIRO DE ENTREVISTA

Professora

- 1) Como você descreve os alunos com comportamento de Altas Habilidades/Superdotação?
- 2) Você teve na sua formação inicial ou na Formação continuada conhecimentos sobre o tema das AH/SD? Em caso negativo, como teve informações sobre esta temática?
- 3) Como é ter um aluno(a) com comportamento de AH/SD?
- 4) Em sala de aula, como é o trabalho pedagógico com estes alunos com AH/SD? É realizado um trabalho diferenciado visando atender suas necessidades?
- 5) Como acontece o apoio da gestão escolar para o reconhecimento e atendimento educacional destes alunos com AH/SD?
- 6) Como você acha que a gestão poderia auxiliar de maneira mais efetiva no trabalho pedagógico estes alunos?
- 7) Você acha que vem sendo realizado um atendimento adequado para esses alunos com AH/SD na escola? O que poderia ser qualificado?

APÊNDICE D - ROTEIRO DE ENTREVISTA: EDUCADORA ESPECIAL



ROTEIRO DE ENTREVISTA

Educadora Especial

- 1) Como você descreve os alunos com comportamento de Altas Habilidades/Superdotação?
- 2) Você teve na sua formação inicial ou na Formação continuada conhecimentos sobre o tema das AH/SD? Em caso negativo, como teve informações sobre esta temática?
- 3) Você participou do processo de identificação?
- 4) Como foi realizado este processo?
- 5) Você tem conhecimento de quem são esses alunos? Quantos alunos são identificados na escola e quais as suas áreas?
- 6) Você atende todos os alunos com comportamentos de AH/SD? Como funciona esse atendimento? São motivados conforme suas áreas de interesse?
- 7) Existe um trabalho junto com as professoras regentes para que se tenha uma prática diferenciada para esses alunos na sala regular?
- 8) Como acontece o apoio da gestão escolar para o reconhecimento e atendimento educacional destes alunos com AH/SD?
- 9) Como você acha que a gestão poderia auxiliar de maneira mais efetiva no trabalho pedagógico estes alunos?
- 8) Você acha que vem sendo realizado um atendimento adequado para esses alunos com AH/SD na escola? O que poderia ser qualificado?

APÊNDICE E – AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL

AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL

Eu _____, abaixo assinado, responsável pela Escola Estadual _____, autorizo a realização do estudo. Um olhar da gestão escolar sobre alunos com altas habilidades/superdotação: compreensão e estímulo, a ser conduzido pelos pesquisadores Tatiane Negrini e Aline de Freitas Gutierrez.

Fui informado, pelo responsável do estudo, sobre as características e objetivos da pesquisa, bem como das atividades que serão realizadas na instituição a qual represento.

Esta instituição está ciente de suas responsabilidades como instituição co-participante do presente projeto de pesquisa e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos sujeitos de pesquisa nela recrutados, dispondo de infra-estrutura necessária para a garantia de tal segurança e bem-estar.

Data

Assinatura e carimbo do responsável institucional

APÊNDICE F – CARTA DE APRESENTAÇÃO

Ministério da Educação
Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação
Departamento de Educação Especial

Assunto: Pesquisa de monografia

Título da Pesquisa: UM OLHAR DA GESTÃO ESCOLAR SOBRE ALUNOS COM ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO: COMPREENSÃO E ESTÍMULO

Ao cumprimentar, apresentamos a acadêmica Aline de Freitas Gutierrez, matrícula 201560856, do curso de Especialização em Gestão Educacional, do Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Maria - UFSM, para que possa realizar sua pesquisa de monografia na Escola Estadual _____.

O trabalho tem como objetivo verificar como a gestão escolar de uma instituição pode auxiliar na ação docente efetiva em relação a alunos com AH/SD. A pesquisa dar-se-á com o processo de entrevista semiestruturada com um(a) professor(a), um(a) coordenador(a) e um(a) educador(a) especial.

Desde já agradecemos à oportunidade e colocamo-nos a disposição.

Santa Maria de setembro de 2016.

Profa. Dra. Tatiane Negrini
Orientadora do trabalho

Aline de Freitas Gutierrez
Acadêmica do curso de Especialização em Gestão Educacional